



Cyberbullying

Conhecer para prevenir

Luciana Rizo

Cyberbullying

Conhecer para prevenir

Luciana Rizo

2020

Introdução

A rede mundial de computadores foi festejada por muitos como fator de integração das pessoas pela possibilidade de conectar pessoas em todo o mundo. A primeira impressão sobre a difusão dessa tecnologia vem sendo desconstruída com o passar do tempo e, cada vez mais, observa-se que as pessoas mantêm-se muito tempo conectadas ao mundo virtual e desconectadas das pessoas próximas, no mundo real, com significativa diminuição do bem-estar psicológico (Twenge & Campbell, 2018; Kim, 2017; Marino, Gini, Vieno & Spada, 2018).

O acesso facilitado às tecnologias digitais e o uso cada vez mais frequente da internet, trouxe problemas significativos para as crianças e jovens do século vigente, dentre eles, a transposição do *bullying* face a face para agressão através dos meios eletrônicos: o *cyberbullying*.

Assim, a agressão entre pares que acontecia apenas na escola, persegue o aluno até em casa e quaisquer outros ambientes onde seja possível acessar à internet (Hinduja & Patchin, 2009; Veiga Simão et al., 2017).

As consequências dos episódios de *cyberbullying* afetam de maneira drástica a saúde mental e bem-estar de adolescentes com agravamento da expressão de psicopatologias e aumento da propensão ao suicídio naqueles envolvidos em episódios de *cyber* agressão (Hinduja & Patchin, 2010; Roberts et al., 2016).

Caracterização do fenômeno cyberbullying

Antes do início do fenômeno *cyberbullying*, o estudo da agressão face a face entre jovens, o *bullying*, foi foco de atenção dos investigadores na segunda metade do século XX. Tendo a escola como cenário principal, *bullying* é definido por Olweus (1993) como comportamento repetitivo e intencional dirigido a alguém com dificuldades de se defender sendo percebido um desequilíbrio de poder real ou percebido entre o agressor e a vítima.

A Hipótese diferencial de força, postulada por Olweus (1994), aponta que, muitas vezes, há uma vantagem percebida ou real do agressor sobre a vítima em termos de atributos físicos (força/altura), estatuto social (popularidade), estatuto hierárquico (subordinação/submissão), dentre outros, que fornece uma sensação de poder ao agressor.

Esta relação de poder e submissão entre agressor e vítima se transpõe para o *cyberbullying* de acordo com o novo cenário das agressões: o ambiente virtual.

O *bullying* face a face e o *cyberbullying* partilham características básicas como o desejo de infringir danos a seus alvos e praticar uma série de comportamentos com finalidade de causar angústia. Vandebosch e Van Cleemput (2008), propõem uma distinção entre as formas diretas e indiretas de *cyberbullying* tendo como referência as classificações do *bullying* tradicional.

Segundo Vandebosch e Van Cleemput (2008), formas diretas de *cyberbullying* envolvem:

- a) conhecimento da agressão - no ambiente online, é possível agredir sem o conhecimento imediato da vítima;
- b) “violação de propriedade” - comportamentos por telemóvel ou computador que visam danificar o dispositivo como, por exemplo, envio propositalmente arquivo infectado por vírus;
- c) assédio verbal- uso da internet ou telemóvel para enviar insultos ou ameaças à vítima;
- d) assédio não verbal- envio de imagens ou fotos ameaçadoras ou obscenas;
- e) exclusão social- retirar alguém de um grupo online.

As formas indiretas de *Cyberbullying* envolvem:

- a) enviar email como personagem, fingindo ser uma outra pessoa;
- b) espalhar boatos por telemóvel, email ou chat;
- c) participar de votação em site difamatório.

A definição de *Cyberbullying* está relacionada com constructos similares como *online bullying*, *bullying* eletrônico e assédio via internet (Tokunaga, 2010) o que constitui uma das dificuldades na pesquisa deste fenômeno, uma vez que não podemos ter uma uniformidade nos resultados dos estudos e suas análises.

Devido às dificuldades na definição, assim como os diferentes períodos de análise utilizados (por exemplo: um mês, seis meses, ao longo da vida) e características demográficas da amostra identificada, as taxas de prevalência apresentadas nos estudos variam significativamente (Kowalski, 2018).

Em artigo de revisão de escopo, analisando 159 estudos europeus e americanos, Brochado, Soares e Fraga (2016) encontraram variações de prevalência de *cyberbullying* em adolescentes desde 1% a 65%. Ao observar o período '*último ano de vida*', a taxa de prevalência de adolescentes cyber vitimizados varia entre 1% e 61.1% e cyber agressores de 3.0% a 39%; se o período '*ao longo da vida*' for observado, a prevalência de adolescentes cyber vitimizados varia de 4.9% a 65% e cyber agressores de 1.2% a 44.1%. Estes dados apresentam clara inconsistência.

Os dados do estudo Comportamento Saudável em Crianças em Idade Escolar (Health Behaviour in School-Aged Children – HBSC) realizado em 42 países europeus, pela Organização Mundial da Saúde, aponta que uma média de 10% dos estudantes com 11 anos esteve envolvido em *cyberbullying* por mensagens no último ano; assim como 11% dos alunos de 13 anos; e 11% adolescentes com 15 anos (Inchley, J., Currie, D., Young, T., Samdal, O., et al., 2016).

A prevalência de *cyberbullying* pode sofrer grandes variações quando analisada em diferentes países, pois é um fenômeno influenciado por contextos culturais (Barlett et al., 2014).

Em artigo publicado em 2010, Tokunaga, a fim de facilitar as análises nos trabalhos futuros, sugere uma definição para *cyberbullying*: “qualquer comportamento realizado utilizando meio eletrônico ou mídia digital por indivíduos ou grupos que comunica repetidamente mensagens hostis ou agressivas destinadas a causar danos ou desconforto em outros” (Tokunaga, 2010 p.278).

Porém, muitos trabalhos científicos não utilizaram a definição proposta gerando dúvidas sobre as medidas e análises realizadas resultando em dados pouco claros.

Peter e Petermann (2018), com o intuito de que, em futuros estudos, o mesmo conceito seja medido e analisado de maneira uniforme, realizaram, através de análise sistemática da literatura, levantamento da frequência de atributos utilizados nas definições de *Cyberbullying* e apontam como os cinco mais frequentes: **tecnologias da informação e comunicação (TIC), repetição, intenção, ferir e alvo**. A partir desses atributos mais frequentes na literatura, os autores constroem, uma definição geral de *cyberbullying*: **“uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para repetidamente e intencionalmente ferir, assediar, magoar e ou constranger um alvo”**.

Além destes atributos levantados, foram descritos, por Peter e Petermann (2018), factores com interferência significativa no *Cyberbullying*:

- a **repetição**, pois qualquer informação enviada para redes sociais pode ser acessada várias vezes, replicada em diversos outros meios por diversas pessoas e, mesmo que venha a ser deletada, há o risco de ter sido gravada por algum usuário da rede e compartilhada novamente na rede;
- a **intenção** remete-se ao comportamento nocivo do *cyber agressor* intencional contra a *cyber vítima*;
- a **desigualdade de poder** no *cyberbullying*, relaciona-se a competências mais desenvolvidas nas TICs que permitem ataques anônimos e com maior alcance de público;

- O **anonimato** que parece exacerbar a percepção da desigualdade de poder e aumentar a gravidade do *cyberbullying*, pois pode aumentar o sentimento de desesperança;
- a **percepção da vítima** sobre o comportamento de assédio influencia a avaliação sobre o *cyberbullying*, pois sua percepção determina se o comportamento foi nocivo ou não. Um comportamento pode ser classificado como *cyberbullying* se a vítima sentir-se agredida.

Classificar se o comportamento de *cyberbullying* foi realizado ou não por acidente (ex.: um post acidental no facebook) é irrelevante, pois as consequências negativas como ansiedade social, sintomas depressivos ou até mesmo a ideação e tentativa de suicídio podem afligir a vítima (Pabian & Vandebosch, 2016; Fahy et al., 2016; Bottino, Bottino, Regina, Correia & Ribeiro, 2015).

Segundo estudo de prevalência realizado por Roberts et al. (2016), com 218 adolescentes canadianos, ao comparar o grupo envolvido em *bullying* tradicional com os jovens relacionados ao *cyberbullying* (N=109), estes últimos são duas vezes mais propensos à ideação suicida. Este estudo mostra ainda que, quando comparados com aqueles que nunca sofreram nenhum tipo de *bullying*, as vítimas de *cyberbullying* são 77.2% mais propensas a terem ideação suicida.

Através de estudo de revisão e metanálise, Zych (2018) aponta como **fatores protetores** comuns **contra a vitimização e agressão** no *bullying* e *cyberbullying*:

- a) **comunidades positivas;**
- b) **bom clima e segurança escolar;**
- c) **um ambiente familiar positivo;**
- d) **boa interação, mediação** em uso da tecnologia, **supervisão e monitoria** pelos pais;

Continua...

lucianarizo.com.br/cyberbullying

e) alto status e suporte dos pares;

f) altos níveis de autoestima e bom autoconceito;

g) eficácia na defesa e competência em manejo emocional previu menor cibervictimização;

h) competência social, inteligência e resolução de problemas tanto protegem contra vitimização e agressão, como das cognições autodirigidas;

Os estudos mostram que a escola, embora já não seja o cenário físico das agressões, pode intervir na prevenção e no amortecimento dos efeitos do *cyberbullying*, uma vez que os atores envolvidos estão grande parte do seu tempo nesse ambiente físico.

Tanto nos factores que caracterizam cyber agressores e cyber vítimas quanto nos factores de protecção de envolvimento no *cyberbullying* a escola é citada como possível local de mediação (Amado, Matos, Vieira & Pessoa, 2012; Hinduja & Patchin, 2017; Veiga Simão et al., 2017; Macaulay, Betts, Stiller & Kellezi, 2018).

lucianarizo.com.br/cyberbullying

O cyberbullying afeta de forma significativa o bem-estar dos jovens, comprometendo seu desenvolvimento e gerando consequências para a vida adulta. É fundamental conhecer este fenômeno para o desenvolvimento de ferramentas para pais, professores e, principalmente, adolescentes poderem colaborar para a prevenção e diminuição do impacto do cyberbullying na vida de todos os envolvidos.

Este resumo visa contribuir com informações sobre a temática do *cyberbullying* para profissionais de saúde mental e educação.

Serão publicados mais materiais informativos, como e-books e vídeos, tanto para profissionais, como para o público em geral, no site:

lucianarizo.com/cyberbullying

Referências Bibliográficas

- Amado, J., Freire, I., Matos, A., Vieira, C., & Pessoa, T. (2012). O cyberbullying e a escola: Uma análise da situação em Portugal. In Proceedings of the III Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação – Problemas contemporâneos da educação no Brasil e em Portugal: desafios à pesquisa. Arquivo Digital.
- Amado, J., & Ferreira, S. (2014) Estudos (auto)biográficos – histórias de vida. In: Amado, J. Manual de Investigação Qualitativa em Educação (pp. 169-184). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. DOI:<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Matos, A. P., Vieira, C. V., Amado, J., Pessoa, T., & Martins, M. J. (2016). Cyberbullying in Portuguese Schools: Prevalence and Characteristics. *Journal of School Violence*, DOI: 10.1080/15388220.2016.1263796
- Barlett, C. P., Gentile, D. A., Anderson, C. A., Suzuki, K., Sakamoto, A., Yamaoka, A., & Katsura, R. (2014). Cross-cultural differences in cyberbullying behavior: A short-term longitudinal study. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 45, 300–313. <http://dx.doi.org/10.1177/0022022113504622>
- Bottino, S. B., Bottino, C. C., Regina, C. G., Correia, A. L., & Ribeiro, W. S. (2015). Cyberbullying and adolescent mental health: Systematic review. *Cadernos De Saúde Publica*, 31(3), 463– 475.
- Brochado, S., Soares, S., & Fraga, S. (2017). A scoping review on studies of cyberbullying prevalence among adolescents. *Trauma, Violence & Abuse*, 18(5), 523–531. <https://doi.org/10.1177/1524838016641668>.
- Fahy, A. E., Stansfeld, S. A., Smuk, M., Smith, N. R., Cummins, S., & Clark, C. (2016). Longitudinal associations between cyberbullying involvement and adolescent mental health. *Journal of Adolescent Health*, 59, 502-509. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.06.006>.

- Hinduja, S., & Patchin, J.W. (2017). Cultivating youth resilience to prevent bullying and cyberbullying victimization. *Child Abuse & Neglect*, 73, 51–62.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2009). *Bullying beyond the Schoolyard: Preventing and responding to cyberbullying*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010). Bullying, cyberbullying, and suicide. *Archives of Suicide Research*, 14(3), 206–221. <http://dx.doi.org/10.1080/13811118.2010.494133>.
- Inchley, J., Currie, D., Young, T., Samdal, O., et al. (2016). Growing up unequal: Gender and socioeconomic differences in young people's health and well-being. *Health behaviour in school-aged children (HBSC) study*. International report from the 2013/2014 survey. Copenhagen, Denmark: WHO.
- Kim, H.H. (2017). The impact of online social networking on adolescent psychological well-being (WB): a population-level analysis of Korean school-aged children. *International Journal of Adolescence and Youth*, 22(3) 364–376. <https://doi.org/10.1080/02673843.2016.1197135>
- Kowalski, R., *Aggression and Violent Behavior* (2018), <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.02.009>
- Macaulay, P.J.R, Betts, L.R., Stiller, J., & Kellezi, B. (2018). Perceptions and responses towards cyberbullying: A systematic review of teachers in the education system. *Aggression and Violent Behavior*, 43, 1–12
- Marino, C., Gini, G., Vieno, A., & Spada, M.M. (2018). The associations between problematic Facebook use, psychological distress and well-being among adolescents and young adults: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 226, 274–281
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford, UK: Blackwell.
- Olweus, D. (1994). Bullying at school. *Aggressive behavior*, 97–130.

Pabian, S., & Vandebosch, H. (2016). An investigation of short-term longitudinal associations between social anxiety and victimization and perpetration of traditional bullying and cyberbullying. *Journal of Youth and Adolescence*, 45, 328-339. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0259-3>.

Peter, I. & Petermann, F. (2018). Cyberbullying: A concept analysis of defining attributes and additional influencing factors. *Computers in Human Behavior*, 86, 350-366

Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26, 277-287. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>.

Twengea, J.M. & Campbell, W.K. (2018). Associations between screen time and lower psychological well-being among children and adolescents: Evidence from a population-based study. *Preventive Medicine Reports*. (12), 271–283.

Vandebosch, H., & Van Cleemput, K. (2009). Cyberbullying among youngsters: profiles of bullies and victims new media & society, Vol 11(8), 1349–1371. DOI: 10.1177/1461444809341263

Veiga Simão, A.M., Costa Ferreira, P., Freire, I., Caetano, A.P. (2017). Adolescent cybervictimization e Who they turn to and their perceived school climate. *Journal of Adolescence*, 58, 12-23.

Zych, I., Aggression and Violent Behavior (2018), <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.06.008>

Luciana Rizo



Doutoramento em Psicologia U. Coimbra

Mestre em Psicologia UFRJ

Curso Especializado em Terapias Cognitivas de 3ª Geração – Coimbra / Portugal

Curso em Terapias Cognitivas de 3ª Geração com Crianças e Adolescentes – Coimbra / Portugal

Pesquisadora em Terapia Focada na Compaixão – Brasil / Portugal

Psicóloga, Neuropsicóloga, Professora e Supervisora na Transformação Psi do RJ

Professora em Pós Graduações em Psicologia há 17 anos

Terapeuta Certificada FBTC

